

TRANSCRIÇÃO DE CASSETTE

— Palestra 29/4/85

Como eu costumo dizer aos meus alunos, vamos voltar à fita, vamos voltar à fita.

É uma alegria renovada, vir a Portugal, não só pelo lado afectivo, mas principalmente agora por me ter sido proporcionada esta oportunidade de conhecer o Instituto Português de Ensino a Distância, a Universidade Aberta, o que constitui motivo de alegria ainda maior.

Maria Emília Ricardo Marques e eu conhecemo-nos há alguns anos. Como ela disse, não precisamos de especificar há quantos anos, daí que eu já acompanhasse de longe o desenvolvimento dos vossos trabalhos e, quando assumi uma Vice-Presidência na AIMAV, Associação Internacional de Pesquisas Interculturais, soube com muito contentamento que aqui estava sendo planejado um Seminário de Media, Ensino a Distância e Media como se diz no Brasil.

Quando a AIMAV decidiu dar continuidade a um Seminário que foi realizado em Bruxelas em 78, nós tivemos em Bruxelas o 11.º Seminário da AIMAV que naquela ocasião focalizava a criatividade e a dinâmica de aprendizagem. Decorridos estes anos todos, julgou a AIMAV oportuno levar ao Brasil este tema. Será a primeira vez que se fará um Seminário da AIMAV no Brasil, mas desta vez com maior amplitude: em lugar de se focalizar apenas aspectos de criatividade na aprendizagem, nós resolvemos dar uma amplitude maior e o Seminário terá então essa identificação: criatividade no ensino e aprendizagem de línguas, desenvolvimento endógeno (o que reflecte naturalmente, os anseios, os interesses, as motivações de países como o Brasil que querem correlacionar o desenvolvimento quer económico, quer educacional), e as acções educativas que possam orientar para soluções criativas.

Foi assim que a AIMAV aprovou a iniciativa que terá lugar, que será o 18.º Seminário. Já estabelecemos a data, 21 a 24 de Julho, do próximo ano de 1986, em São Paulo, porque São Paulo oferece muitas possibilidades como local para um Seminário desta natureza.

O Seminário é um Seminário da AIMAV, e conta com o apoio e com a logística, do Centro de Linguística Aplicada, do Instituto de (Omeseaseji).

Muita gente na Europa, perguntava qual a origem do nome Easeji, o que é que há de brasileiro neste nome, que é o da maior organização especializada em ensino de línguas no Brasil. Ora ocorre que o fundador desta Instituição, era de origem libanesa, de uma família muito conceituada, a família Easeji, em São Paulo. O nome do fundador, César Easeji, que se destacou como grande pulsionador do Ensino de Lín-

gua Portuguesa em Nova York, chegou até a leccionar na Universidade de Nova York, e a estabelecer um curso de português em Nova York, foi o nome escolhido para a Instituição que se chama, Instituto de Omeseaseji.

Nesta instituição com características específicas, porque ao mesmo tempo que promovia, incentivava um desenvolvimento de uma metodologia mais criativa e que rompia até quase que impostos pelos Estados Unidos, na época em que a metodologia de origem Norte Americana era exportada e importada quase por assim dizer ao mundo inteiro, a que Easeji teve a coragem de dizer NÃO, nós queremos, nós acreditamos na autonomia, na auto-suficiência, ou pelo menos na criação de materiais adequados ao nosso contexto, de modo que na história a ser escrita sobre o Ensino de línguas no Brasil, eu digo pelo menos nessa fase mais actual, certamente um capítulo será reservado aos esforços para uma autonomia relativa, mas muito significativa na concepção e produção de materiais didácticos, que atendam as necessidades brasileiras, lutou-se portanto por estes ideais. Por uma coincidência muito feliz, participei desse movimento de autonomia de criação de materiais para a realidade brasileira. Fui o primeiro Director deste Centro, de Linguística aplicada em São Paulo, de 1966 a 1979. Participei em São Paulo do movimento, durante 15 anos quase, de implantação, digamos assim, de uma contribuição brasileira à metodologia de ensino de línguas, através do Easeji, do Centro de Linguística Aplicada, o qual contribui de maneira decisiva para a implantação da Linguística aplicada, até nas Universidades Brasileiras. Somente em 1970 é que se introduziram os primeiros mestrados em Linguística Aplicada, e como tal, o primeiro mestrado, o primeiro grau de mestre em Linguística Aplicada, começou a ser oferecido em 1970 na Pontífice da Universidade da Cidade Católica de São Paulo, o que demonstra quão é bem significativa a contribuição que a Easeji deu através de Seminários. Eu historiei estes factos num artigo «10 anos de Linguística Aplicada no Brasil 1965/1975». Concluída essa fase de implantação, digamos assim, do incentivo da Linguística Aplicada, resolvi voltar a Pernambuco, e fui sucedido em São Paulo por um colega que conheci em Bruxelas e que é hoje o secretário geral da AIMAV que é o Linguista belga Dirossel. Desta maneira se assegurou a continuidade do trabalho do Centro de Linguística Aplicada IASIS de São Paulo, agora fortalecido por este vínculo com a AIMAV, entidade internacional que tem como objectivo incentivar as pesquisas de natureza intercultural. Fez-se a abordagem ecológica à aprendizagem de línguas que foi primeiro apresentada em Stuttgart em 1975 num Congresso Internacional de Linguística Aplicada em 75, depois em Montreal em 78, e enfim já relativamente conhecida fora do Brasil. Esse Congresso, esse 18.º Seminário da AIMAV que tem o título «Criatividade no Ensino e Aprendizagem de Línguas», é uma iniciativa conjunta, da AIMAV Instituto de Omeseaseji, (como um veículo de divulgação de grande penetração actual no Brasil que é a revista *Interacção*, que o próprio Centro de Linguística pública). Eu trouxe três exemplares da revista *Interacção* que é muito polémica e que vai certamente, possibilitar a outras, caminhos e reflexões mais criativas dentro do ensino de línguas em geral, materna língua portuguesa e línguas estrangeiras no Brasil. A Revista *Interacção* vai ser o veículo através do qual será divulgado o colóquio no Brasil, aqui em Portugal, na América, em língua espanhola também, e como eu disse, este Seminário vai dar continuidade e ampliará aquele Seminário que realizámos em Bruxelas em 78, que se chamou «Criatividade Dinâmica da Aprendizagem». A AIMAV, aqui eu incluirei colaboradores da AIMAV em Portugal, a Delegada da AIMAV, a Dr.^a Maria Emília Ricardo Marques, que é delegada da AIMAV em Portugal, e os amigos do Instituto Português de Ensino a Distância, todos nós consideramos a criatividade com um instrumento indispensável à construção, à eficácia

do ensino. Creio que todos nós vemos na criatividade um instrumento indispensável à construção e aprimoramento dos sistemas endógenos de educação.

Se fossemos destacar ou caracterizar a relevância deste evento dentro do contexto brasileiro (das dificuldades com que nos deparamos, dos desafios e dos nossos anseios), eu poderia sintetizar ou caracterizar a relevância do evento, dizendo que urge reconhecer-se, respeitar-se e promover-se a identidade cultural dos povos, tanto nos planos individual quanto colectivo. Num país em que coexistem, toda a gente o sabe, contextos ou situações do tipo urbano e rural o mosaico de realidades quer dizer a educação no meio urbano, a educação no meio rural, por exemplo a problemática da alfabetização nas zonas mais carentes onde às vezes não há disponibilidade de materiais e os materiais são criados ou originais ali sem qualquer tecnologia é muito importante este Seminário, em que soluções criativas podem ser dadas ou estão sendo dadas no contexto da educação rural no que diz respeito à língua materna, no ensino do português.

Os conteúdos e os processos da educação linguística, são criados ou seleccionados, realizados e avaliados, por cada povo e aí observando-se os seus direitos, os seus interesses e as suas necessidades numa perspectiva que não é uma perspectiva habitualmente encontrada nas metodologias que circulam universalmente (na metodologia de ensino de língas em geral é dada uma ênfase exagerada à análise de necessidades need analyses).

Essas necessidades, supostas necessidades, reveladas pela análise das necessidades, ou needs analyses, talvez mascarem um pouco o tipo de imposição metodológica que se tem vindo a fazer. O que se tem chamado «análise de necessidades» talvez constitua um mascaramento de imposições, de modismos metodológicos de países dominantes. É uma questão que já provoca muita controvérsia e que aqui no Seminário de São Paulo nós procuraremos levantar: verificar até que ponto os conteúdos e os processos da educação linguística resultantes de processos de selecção, são concretizados e avaliados por cada povo ou cada sistema educacional, segundo os seus direitos, interesses e necessidades. Tudo isto implica uma área de investigação nova centrada na actividade docente. O professor como construtor dos materiais estabelecia os objectivos como se conhecesse, pudesse traçar o perfil do aprendiz, mas o nosso conhecimento desse perfil do aprendiz, não tem levado em conta os direitos do aprendiz facto que apresentei numa reunião em Bruxelas da Associação Internacional doméstique applliqués, onde resolvi aprofundar e provocar mais reflexões para definição do que constituirá os direitos linguísticos dos aprendizes à luz dos direitos linguísticos. Isto pressupõe um conhecimento sobre os direitos linguísticos a nível individual, grupal e nacional, indo do nível micro ao macro. Esta proposta parece-me ter provocado uma reflexão, e um debate. Já começa a tomar vulto, e eu penso ser de insistir neste colóquio em que uma das secções do Seminário abordará a problemática da criatividade, vis-à-vis ao problema dos direitos linguísticos individuais, grupais ou nacionais. São três domínios, cuja simples enumeração já conduz a uma óptica, uma perspectiva diferente: direitos, interesses e, necessidades do aprendiz. Até aqui as necessidades têm sido formuladas pelos construtores, ou idealizadores dos materiais didácticos, do domínio do professor, do idealizador, do criador de materiais, então penso que se invertermos o processo iremos discutir, identificar, formular para cada país, para cada contexto, ou contextos, como e o que são esses direitos linguísticos, verificar até que ponto são respeitados, até que ponto são reconhecidos. Eu acabo de vir da Itália, onde estivémos durante 4 dias reunidos em Veneza, para um Simpósio

sobre Educação Plurilingui, organizado pela Unesco, a Associação Internacional de Linguística Aplicada, e a Universidade de Veneza. Deliberou-se nas conclusões do encontro, usar um texto básico elaborado por mim para Unesco, onde eu propunha uma declaração universal dos direitos linguísticos do indivíduo que complementaria a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Nessa declaração há um espaço para os direitos culturais mas nunca se explicitou ou talvez nunca se sentiu a necessidade de explicitar os direitos linguísticos num texto da carta das Nações Unidas. A versão em língua portuguesa está aqui (desta declaração dos direitos linguísticos), em que se faz um apelo, a favor de uma declaração universal dos direitos linguísticos do indivíduo. O texto dessa declaração é o seguinte:

«Por reconhecer que a aquisição, aprendizagem e uso de uma ou mais línguas, constitui factor crucial do desenvolvimento cognitivo linguístico do indivíduo, bem como de sua auto-afirmação e auto-realização sócio-cultural, educacional e política, consciente da necessidade de estimular e incrementar a percepção tanto nacional quanto internacionalmente de que o respeito aos direitos linguísticos da pessoa humana deve ser objecto de orientação sistemática dos diferentes contextos científicos, culturais e educacionais, faz-se um apelo para que se elabore e adopte, uma declaração dos direitos linguísticos individuais, que possa servir de instrumento eficaz na luta contra o preconceito linguístico, a discriminação, a rejeição e outras manifestações de injustiça e de opressão linguísticas que infelizmente ocorrem em âmbito mundial. Numa variedade de contextos, no lar, na escola, no trabalho, no local de lazer, procurando ir bem além da elaboração de um texto de uma declaração, procurar-se-ia provocar mudanças de atitudes, e acções, de indivíduos e grupos, perante outros usuários de línguas ou variedades destas. Salienta-se a urgência com que se deveria disseminar uma declaração dessa natureza resultante de um trabalho de interdisciplinistas seriamente engajados em pesquisas básicas e aplicadas e convictos de que a toda a pessoa como usuário de uma língua deve assegurar-se o seu direito de desfrutar plenamente a sua competência e a sua potencialidade comunicativas e expressivas. Dirige-se este apelo à UNESCO e a todas as organizações internacionais ou nacionais empenhadas na solução dos problemas da educação linguística bem como na preservação da dignidade e da equidade linguísticas do ser humano, a fim de que colaborem na elaboração, distribuição e activação, da declaração aqui proposta.»

A partir desta ideia embrionária, publiquei um texto que está na revista «Vozes da Cultura» que aqui deixo e outro da revista «Interacção», este já voltado para os problemas específicos dos direitos linguísticos do aprendiz, e, dentro os direitos linguísticos do aprendiz, o direito enfim, de alfabetização que é consagrado já na carta das Nações Unidas, o direito de toda a pessoa ser assegurada a educação. Educação alto senso, não especificamente a educação linguística, em que temos que reconhecer o direito à compreensão, o direito a versatilizar a competência estilística, o direito à educação linguística complementar, no caso de pessoas que não têm acesso ou condições de aprendizagem num contexto formal poder-se-ia até preconizar o direito a uma educação linguística a distância quer dizer atribuir-se uma condição de verdadeiro direito à aprendizagem, um aprimoramento de sua competência em língua materna, e que só uma Universidade Aberta pode, efectivamente, oferecer, Voltando agora depois desta digressão de complemento, ao nosso Seminário de São Paulo, neste Seminário nós abordaremos três, uma tria de temas: três temas centrais a depender das respostas que obtivermos para participação. Vamos tentar explorar estes três caminhos:

A — **Perspectivas interdisciplinares sobre criatividade** e aí partindo mesmo do nível mais geral até chegarmos ao mais específico, quer dizer do geral ao particular; quais as perspectivas interdisciplinares sobre criatividade, aspectos psicológicos linguísticos, tecnológicos, sociológicos, educacionais; que perspectivas estão sendo delineadas e concretizadas, exploradas ou perseguidas, no âmbito interdisciplinar, quer dizer, o que os interdisciplinaristas estão a fazer, o que é que se está fazendo nesta área, e às vezes desenvolve-se uma psicologia social da criatividade muito voltada para a motivação intrínseca.

B — **Identidade Cultural e Desenvolvimento Endógeno**, como é possível correlacionar o desenvolvimento sócio-político económico do país e esforços de promoção, de reafirmação da identidade cultural factor muito importante nos países como o Brasil, que sofrem o impacto e o efeito, e as consequências das metodologias, de pacotes enfim, um país que ainda está muito vulnerável a imposições de ordem metodológica.

C — **a Tecnologia Criativa na Metodologia do Ensino de Línguas**, o que está sendo produzido a nível de criação realmente inovadora, na metodologia do ensino as línguas quais os materiais, quais os programas software, que procedimentos, que estratégias, estão sendo utilizadas nessa metodologia, que tipo de tecnologia está sendo utilizada. Depois da minha vinda aqui ao Instituto Português de Ensino a Distância eu me convenço e vou imediatamente transmitir ao secretário-geral Eddy Roussel da necessidade de nós abrirmos um espaço maior para se discutir a criatividade, os usos criativos da tecnologia no Seminário para que possa assegurar uma abrangência a este Seminário. Sobre os micro problemas, pode dizer-se que nas primeiras consultas feitas à secretaria-geral de AIMAV em São Paulo se revelavam já alguns interesses específicos de problemas que possivelmente serão abordados em trabalhos, como por exemplo a própria caracterização de criatividade nos contextos formal e informal de aprendizagem; como é que se pode chegar a uma caracterização; quais são os traços definitórios, como poderíamos caracterizar o que é a criatividade em contextos formal e informal; como caracterizar a criatividade do aprendiz, usuário de língua materna; como é que em determinados contextos de sistemas educacionais é visto o usuário, se o usuário na cultura é visto como possuindo um capital, ou um património que deve ser aprimorado qualitativa e quantitativamente ou é visto como apenas um consumidor de procedimentos, de regras, de naturezas dogmáticas, quer dizer de regras prescritivas; como é que em cada cultura ou em algumas culturas tem sido caracterizado o usuário de uma língua materna se o usuário é visto como possuidor de direitos linguísticos, e a ele são oferecidas condições para concretizar alguns desses direitos, ou se ele está à mercê do sistema e por isso deixa de ser criativo como poderia. Outro problema para o qual certamente a Universidade Aberta pode dar uma contribuição muito significativa é a elaboração criativa de material didáctico, no que constitui criação efectivamente de material didáctico, até onde se pode distinguir uma produção criativa de uma produção convencional; como esse processo criativo pode ser objecto de análise e até de avaliação se for possível. Uma parte do Seminário poderá também focalizar um problema permanente de grande interesse, sempre aberto, que é o da formação do professor, segundo perspectivas que romperiam com as directrizes e os padrões até então habitualmente consagrados nas Faculdades de Letras no Brasil. A partir deste problema já se pode questionar uma série de acções como uma tentativa feita para a reforma do curriculum de letras. Nós estamos repensando, inclusive, num curriculum de letras no Brasil e um aspecto realmente que deve ser modificado é o da formação do professor, o treinamento inicial e a formação do professor, segundo uma visão mais pluralista e intercultural. Por exem-

plo, fala-se do professor como de um animador cultural: até que ponto é viável, e desejável, em que contextos um professor de línguas deve ser um animador intercultural. No que diz respeito às contribuições da tele-educação, é desejável e é possível que no séc. XXI isso se venha a concretizar, o professor terá como pré-requisito, receber algum treinamento ou formação em tele-educação para que possa desenvolver-se como animador intercultural e não apenas director ou supervisor da interacção em sala de aula. Tudo isto pode ser objecto de discussão na formação do professor, saber em que medida uma formação de base intercultural e televisiva pode contribuir, para a formação de um professor mais criativo. Temos ainda a contribuição das artes, a criação de produtos e programas o que se reveste de um aspecto importante, e aí nós atrairíamos artistas brasileiros das artes plásticas para verificar até que ponto um artista é integrável numa equipa de criação, até que ponto pode contribuir para uma metodologia. Nós tivemos essa experiência em São Paulo, na produção de um programa. Trata-se de uma abordagem ecológica à aprendizagem do inglês para pré-adolescentes brasileiros; constituiu o grande rompimento com a metodologia até então consumista no Brasil. Quando Easeji resolveu reunir uma equipa e reuniu artistas, pessoal de telecomunicação, astrologia, metodologia, ensino de inglês e ecologistas, produziu-se um programa de seis partes que veio a ser conhecido como abordagem ecológica aprendizagem de inglês, para pré-adolescentes brasileiros e verificou-se que a contribuição dos artistas foi realmente inestimável e até indispensável.

As Faculdades de Letras, no Brasil não suprem porque a interdisciplinaridade é algo ainda muito utópico, teoriza-se muito a respeito disso, mas na prática não há convivência dos especialistas das mais diversas disciplinas. Talvez só possa ser feita ou tenha sido feita em contextos como este aqui do Instituto Português de Ensino a Distância e em que há uma dimensão, um desafio maior. Dentro das Universidades onde tenho uma experiência já razoável por ter sido o primeiro professor de linguística no Nordeste do Brasil, eu fui o primeiro professor de linguística da Pontífice da Universidade Católica de São Paulo, e professor na Universidade de São Paulo percebe-se que dentro do contexto da Universidade concebida como uma Universidade tradicional, tem sido difícil concretizar esses anseios de interdisciplinaridade.

Neste Seminário as gramáticas pedagógicas e os usos criativos da língua materna também serão contemplados. Procuraremos atrair gramáticos para discutir a problemática da prescrição gramatical, da descrição gramatical, a construção das gramáticas pedagógicas, que é hoje um problema muito sério no nosso contexto, pois temos uma tradição de gramáticas excessivamente prescritivas e ainda precisamos de começar a criar condições para aquilo que eu chamo gramática do usuário, uma gramática muito mais voltada para os direitos linguísticos do usuário, para as necessidades comunicativas do usuário. Recentemente fiz uma resenha dessa gramática, a gramática da língua portuguesa, de Maria Helena Mira Mateus e na conclusão da minha resenha, eu dizia que agora ficaremos aguardando, na expectativa de um trabalho que possibilite ao usuário fazer a transição daquele conhecimento descritivo explicativo, que é importante, que o usuário de nível universitário precisa de conhecer, precise ter um conhecimento sólido, descritivo, explicativo de sua língua materna, mas também precisa saber operacionalizar esse conhecimento em benefício do seu desenvolvimento estilístico, para que possa resolver problemas comunicativos, na sua vida social ou profissional. Será este um aspecto que será também discutido: que dimensão da criatividade pode ser explorada, na construção das gramáticas pedagógicas, ou das gramáticas não escolares.

Eu estou a colocar aqui no texto que aqui deixei em francês, e onde vou incluir um item logo que voltar do Brasil, São Paulo, para que seja incluído esta parte na relação de problemas prioritários a serem discutidos. Julgo que a sensibilização intercultural e o ensino a distância criativo, por perceber depois que os li, alguns dos documentos do Prof. Rocha Trindade, como da Professora Dr.^a Maria Emília Ricardo Marques. Foi a parte destes documentos que examinei cuidadosamente, que eu percebi claramente que este aspecto tem que ser salientado, e merecer um espaço maior. O Ensino a Distância criativo e a sensibilização intercultural e ainda a sensibilização quanto a variação linguística. No texto que eu recebi, preconiza a criação de um estudo de intercâmbio entre as variantes nacionais do português, um aspecto que a meu ver deveria merecer e receber um tratamento especial no nosso Seminário. O ensino do português língua materna, o ensino do português língua segunda ou estrangeira, e as medidas para a sensibilização de professores e, a sensibilização dos alunos. Julgo que só através de uma tecnologia como a que oferece a Universidade Aberta, é que poderemos chegar a iniciar um programa de sensibilização.

Na visita aos Estados Unidos o ano passado, tomei conhecimento de um projecto para o qual me convidaram para a consultoria, de elaboração de telenovelas, será uma telenovela brasileira, adaptada, será produzida pela rede Globo de televisão, em que eles darão um «know how», mas a orientação pedagógica, linguística, cultural, será da responsabilidade de um grupo norte-americano da Universidade no México, da Flórida, Washinton. Através dessas telenovelas estes estimulam ou pelo menos incentivam a aprendizagem de língua portuguesa, em Universidades onde até agora quase ou nada se fez. Estou muito curioso de ver os primeiros resultados.

Voltando ao nosso problema, a organização do Seminário: a criatividade ao serviço da didáctica, quer dizer, a criatividade ao serviço do desenvolvimento nacional que é um tema de clima político da área sócio-política educacional. Pergunta-se até que ponto é possível discutir e preconizar programas, processos e produtos criativos que contribuam de algum modo para o desenvolvimento nacional. Embora possa parecer muito, dar tal amplitude, são no entanto algumas das ideias ou directrizes ou linhas básicas, que nortearam este Seminário em São Paulo. Em essência nós queremos atrair a participação de países não só de língua portuguesa, mas espanhola também. Insisti muito em que mantivéssemos o espanhol porque, uma coisa que eu tenho constatado os encontros internacionais, o domínio da língua inglesa é esmagador, a exemplo do que aconteceu agora em Veneza, num evento realizado pela perfeitura de Veneza, pela Universidade, as línguas oficiais eram o inglês e o francês. Mesmo os italianos tiveram que recorrer, ou curvar-se à hegemonia da língua inglesa, são circunstanciais que incomodam quando a gente acredita numa política de pluralismo e vê, que na prática, as coisas nem sempre correspondem a uma visão de pluralismo de intercultural.

Neste congresso da AIMAV eu insisti, que se fosse aberto também aos países de língua espanhola porque, nós temos uma proximidade geográfica e a linguística não pode ser esquecida.

As línguas oficiais serão o português, o espanhol, o francês e o inglês, enfim as duas línguas com a língua dominante em último lugar. O veículo que divulgará internacionalmente o Seminário, é a própria revista *Interacção*, que já circula em todo o Brasil e em alguns países começa a circular, e também através da imprensa, devemos ter apoio da UNESCO, apesar da UNESCO estar com muitas dificuldades financeiras.

ras. Como será a primeira vez que se realizará no Brasil um Seminário desta natureza, e acredito que nós possamos obter algum auxílio, e portanto vamos também pleitear auxílio junto ao Conselho Nacional de Pesquisas, e outras agências financiadoras brasileiras.

Bom, feita esta apresentação para não ficar em monólogo, esse monopólio monológico, eu quero colocar-me à disposição de todos para esclarecimentos e perguntas que forem do vosso interesse.

PROF. GOMES DE MATOS

Professor Catedrático em Recife, tendo desenvolvido uma acção ponderante no Instituto de Línguas Jazigy de São Paulo. São notáveis os trabalhos de investigação e linguística teórica e aplicada publicados alguns na AILA AIMZAV.